

VALOR LINGUÍSTICO E DESVIO DE LINGUAGEM: UM ESTUDO ACERCA DO AUTISMO

LINGUISTIC VALUE AND LANGUAGE DISORDER: A STUDY ABOUT AUTISM

Denise Lima Gomes da Silva⁶
Isabela Barbosa do Rêgo Barros⁷
José Temístocles Ferreira Júnior⁸
Flávio Rômulo Alexandre do Rêgo Barros⁹

RESUMO: A partir da clínica, este artigo pretende, sob a perspectiva do valor linguístico saussuriano, discutir os desvios de linguagem característicos do autismo repensando o lugar de *nonsense* que lhes foi conferido. A teoria do valor em Saussure aponta que há um certo grau de imprevisibilidade na linguagem. Analisamos trechos da linguagem de duas crianças entre dois e sete anos de idade. Concluímos que a posição relativa assumida pelos signos linguísticos no autismo parece tornar a linguagem incompreensível aos outros falantes da língua, pois esses não conseguem identificar uma relação de semelhança ou dessemelhança entre os signos linguísticos.

PALAVRAS-CHAVE: Valor linguístico. Linguagem. Autismo.

ABSTRACT: Based on the clinic, this article aims, from the perspective of Saussurean linguistic value, discuss the deviations of language characteristic of autism rethinking the place of nonsense it been granted them. The theory of value in Saussure indicates that there is a degree of unpredictability in the language. We analyze fragments of language of two children aged two to seven years old. We conclude that the relative position assumed by the linguistic signs in autism seems to become incomprehensible to speakers of other language because these fail to identify a similarity or dissimilarity between the linguistic signs.

KEYWORDS: Linguistic value. Language. Autism.

1 Introdução

Na década de 1940, o movimento estruturalista americano compunha o cenário linguístico dos Estados Unidos da América, país em que o psiquiatra austríaco Leo Kanner desenvolveu suas pesquisas e trouxe pela primeira vez ao meio científico as discussões sobre o autismo como entidade nosográfica. Os estudos de Kanner envolveram onze crianças que em comum apresentavam dificuldades na interação social e na comunicação, porém eram muitas vezes, confundidas como surdas ou esquizofrênicas equivocadamente. (KANNER, 1966)

De acordo com a clássica descrição do pesquisador, que nem sempre contempla traços presentes nos sujeitos acometidos pelo autismo, os autistas se caracterizam pelo olhar vago, resistência à mudança na rotina e no ambiente, uso de pessoas como objeto, movimentos

⁶ Doutora em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (2012). E-mail: dslima@gmail.com

⁷ Doutora em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (2011). Professora do Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem e dos Departamentos de Letras e de Fonoaudiologia da Universidade Católica de Pernambuco, Brasil. E-mail: ibelabarros@gmail.com

⁸ Doutor em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (2014). Professor adjunto I da Universidade Federal Rural de Pernambuco, Brasil. E-mail: josetemistocles@yahoo.com.br

⁹ Mestrando em Ciências da Linguagem pela Universidade Católica de Pernambuco, Brasil. E-mail: fxdraw@gmail.com

rítmicos e estereotipados do corpo, fixação por movimentos rotatórios, resistência ao toque de outras pessoas, dificuldade no uso da linguagem verbal e não verbal.

Fortemente influenciado pela teoria psicológica do Behaviorismo, segundo a qual a linguagem é um comportamento de comunicação, o estruturalismo americano respondia às considerações sobre a linguagem e propunha descrever o maior número de línguas possíveis. Talvez, em virtude disso, Kanner e muitos pesquisadores que se seguiram procuraram nas produções linguageiras dos autistas um padrão organizacional com o intuito de estabelecer uma separação entre normal e patológico ou mesmo linguagem e não linguagem.

Repensamos o lugar de *nonsense* atribuído às ecolalias, aos neologismos e às verbalizações características da linguagem dos autistas, a partir do estruturalismo europeu, inspirado nas teorizações de Ferdinand de Saussure, que diferentemente da versão americana da qual foi precursor, percebia a linguagem a partir do binômio fala e língua, interessando-se em entender e discutir a estrutura do sistema linguístico. Um ponto fundamental no estruturalismo linguístico europeu diz respeito à visão de língua como um sistema de valores constituído por diferenças. Ou seja, os signos linguísticos estabelecem relações de valor entre si de acordo com a vertente europeia do estruturalismo. Dosse (1993) afirma que essa vinculação do signo ao princípio semiológico, isto é, à teoria do valor, foi a contribuição essencial de Saussure ao movimento estruturalista.

Milner apud Paveau (2006, p.72) acrescenta que, com a noção de valor, Saussure possibilita que a concepção do signo passe da assimetria à reciprocidade.

A doutrina port-royalista do signo se fundava na relação de representação. Essa revelação é assimétrica: A representa B não implica que B represente A. Ora é notável que Saussure não apenas fale de representação. O termo decisivo na doutrina saussuriana é aquele da associação; ora, a relação de associação é recíproca: A estar associado a B implica que B esteja associado a A. O significante não representa o significado; ele lhe é associado e, da mesma maneira, o significado, por sua vez, está associado ao significante. Se alguma coisa representasse, isso poderia ser não mais que o signo no seu conjunto, mas nota-se, que essa relação do signo com a coisa significada, não importa de maneira alguma a Saussure. Assiste-se, portanto, a um deslocamento decisivo, Saussure constrói um modelo do signo que se separa de toda teoria da representação.

Ao separar o signo da teoria da representação, Saussure (2004) inaugura a ideia de que o valor de um elemento linguístico somente resulta da presença simultânea dos outros. “Todos os signos são solidários, não isoláveis uns dos outros, nem do conjunto do sistema.”¹⁰ (CORVEZ, 1969, p.18). Nesse sentido, procuramos refletir, em um primeiro momento, sobre a noção de valor e sua ligação com a de diferença, tentando observar na língua a unidade marcada enquanto elemento instável. Em seguida, discutiremos os desvios de linguagem característicos do autismo, procurando repensar, pela noção de valor, o lugar de *nonsense* de onde é compreendido.

2 O valor linguístico

Na teoria saussuriana, o valor linguístico representa um conceito que ocupa lugar central. Em diversas passagens das notas de aula e da obra *Escritos de Linguística Geral* (2004), o conceito de valor aparece relacionado tanto ao termo significação quanto ao termo sentido. Valor, sentido e significação se alternam ora enquanto distintos, ora enquanto

¹⁰

Tradução dos autores, segundo o texto original: tous ces signes sont solidaires, non isolables les uns des autres, ni de l'ensemble du système.

sinônimos, consistindo em noções difíceis de definir em Saussure.

No Curso de Linguística Geral (CLG), a noção de valor aparece significativamente distinta da de significação. O CLG traz uma oposição entre valor e significação, deixando bem claro que a significação não é o valor. O conceito de uma palavra, diz Saussure (1975, p.134), somente é determinado pelo “concurso do que existe fora dela”. Sendo parte de um sistema, a palavra “está revestida de uma significação e de um valor e isso é coisa muito diferente”.

Saussure (1975) explica que a significação constitui a contraparte da imagem acústica. Assim, dizer que um conceito *judgar* está unido à imagem acústica *judgar* simboliza uma significação. Nessa linha, Saussure afirma que na língua, todos os termos são solidários, então o signo, resultante da união entre significado e significante, será de igual modo a contraparte de outros signos. Então o valor, resulta da relação entre signos, emana da presença simultânea de outros signos. De maneira que o valor de um termo pode se modificar sem que se altere a significação, apenas pelo fato de um outro termo com quem se relacione tenha sofrido alguma modificação. Entretanto podemos perceber que esta oposição trazida pelo CLG não aparece definida nos textos originais. Nos textos manuscritos, as noções de valor, sentido e significação ora se aproximam ora se distanciam.

Conforme as anotações de Riedlinger (GODEL, 1969), Saussure coloca que o valor não é a significação. O valor é dado, além da significação, pela relação que mantém com os outros termos, pela situação recíproca entre os termos. O valor de uma palavra apenas é determinado por aquilo que a rodeia. A noção de valor então aparece distinta da noção de significação.

Riedlinger (GODEL, 1969), em suas anotações, confirma a posição de Saussure em distinguir a noção de valor da noção de significação, colocando o valor linguístico para além da significação, apoiada na relação recíproca entre os termos que estão circunscritos.

Entretanto, conforme as anotações de Dégallier (GODEL, 1969), Saussure, retomando a figura do signo linguístico, indica que a significação é a contraparte da imagem acústica. Logo em seguida, observa que a significação que aparece no primeiro momento como a contraparte da imagem acústica é ao mesmo tempo a contraparte dos termos coexistentes. O valor de uma palavra resulta somente da coexistência de diferentes termos, então pergunta Saussure (GODEL, 1969): poderia o valor se confundir com a contraparte da imagem acústica? Ou seja, com a significação. Saussure (GODEL, 1969) conclui que as duas relações são muito difíceis de distinguir. A mesma preocupação é demonstrada por Saussure nas anotações de Constantin (KOMATSU; HARRIS, 1993) ao afirmar que a significação como a contraparte da imagem acústica e a significação como contraparte de termos coexistentes se confundem e que é muito difícil em quaisquer domínios dizer em que consiste o valor.

Saussure, conforme Constantin (KOMATSU; HARRIS, 1993), delimita que o valor é determinado por um princípio paradoxal: 1) por uma coisa dessemelhante que podemos trocar; 2) por uma coisa semelhante que podemos comparar. Estes dois elementos são essenciais na noção de valor. Tomando o exemplo da moeda de 20 francos, explica que seu valor está numa coisa dessemelhante que pode ser trocada, como por exemplo, pão; e uma coisa semelhante que pode ser comparada, como por exemplo, com outras moedas de um franco, dois francos. O valor seria a contraparte de uma ao mesmo tempo em que seria a contraparte da outra. Da mesma maneira, continua Saussure, não é possível determinar a significação de uma palavra se considerarmos somente a coisa cambiável, mas temos que comparar uma série semelhante de palavras comparáveis. Vemos que valor e significação assumem as mesmas características e aparecem enquanto sinônimos.

De acordo com Godel (1969), em Saussure, a complexidade da noção de valor linguístico consiste no fato de que o valor depende de três tipos de relações: uma relação interna do signo; uma relação dos termos *in absentia* e uma relação dos termos *in praesentia*.

As duas primeiras relações são consequências da arbitrariedade e acontecem no eixo paradigmático, e a última é consequência do caráter linear da língua e acontece no eixo sintagmático. Conforme Godel (1969), Saussure não faz a separação entre as relações paradigmáticas (*in absentia*) e sintagmáticas (*in praesentia*), ambas são essenciais ao sistema, o valor existe e é determinado de acordo com os dois eixos concomitantemente, o valor de uma palavra resultará sempre do agrupamento por família e do agrupamento sintagmático. Saussure (GODEL, 1969, p.72) assim coloca:

unidades de associação e unidades discursivas
(grupos no sentido de famílias) (grupos no sentido de sintagmas)

Na unidade de um grupo de associação (dominas, domino, désireux, malheureux, chanceux...) há sempre um elemento variável e um elemento constante. [...] um sintagma, ao contrário, comporta uma ordem, um sequência linear, qualquer que seja sua grandeza (palavra analisável, composta, frase). O mecanismo consiste em empregar tipos de sintagmas que temos em mente, pondo em jogo os grupos de associação para aportar a diferença desejada. [...] Todo valor resulta desse duplo agrupamento. (tradução nossa)¹¹

Podemos perceber então que o valor de uma palavra é determinado por uma relação paradigmática, mas também, e ao mesmo tempo, por uma relação sintagmática, o valor então seria fruto da interseção destes dois eixos. Segundo Saussure (GODEL, 1969, p.232), “cada unidade não vale e não realiza sua função senão pela combinação que lhe é dada [...] cada elemento não dispõe livremente do seu sentido, mas somente por combinação”. (tradução nossa)¹²

Vemos, então, os termos *sentido* e *valor* relacionados. Nas anotações de aulas, podemos perceber que a noção de sentido aparece em Saussure como uma noção complexa. Conforme as anotações de Constantin (KOMATSU; HARRIS, 1993, p.134), Saussure indica que há uma grande dificuldade para a linguística em distinguir sentido e valor.

Quando falamos de valor, sentimos que aqui isso se torna sinônimo de sentido (significação) e isso indica outro terreno de confusão [...] o valor é um elemento do sentido. Essa é talvez uma das operações mais delicadas a serem feitas em linguística, ver como o sentido depende e ao mesmo tempo permanece distinto do valor.

De acordo com as anotações de Constantin (KOMATSU; HARRIS, 1993), Saussure explica que se tomarmos a palavra *Soleil* não poderemos determinar seu valor imediatamente sem considerarmos os termos vizinhos, uma vez que há línguas em que se pode dizer, por exemplo, *Mettez-vous au soleil* e outras em que não se tem a mesma significação para a palavra *Soleil*. Saussure (KOMATSU; HARRIS, 1993) completa que o sentido de um termo depende da presença ou ausência do termo vizinho. Poderíamos, então, pensar como Lopes

¹¹ des unités d’association (groupes au sens de familles) et des unités discursives (groupes au sens de syntagmes). Dans l’unité d’un groupe d’association (dominus, domino; désireux, malheureux, chanceux), il y a toujours un élément variable et un élément constant. [...] Un syntagme, au contraire, comporte un ordre, une suite linéaire, quelle qu’en soit l’ampleur (mot analysable, composé, phrase). Le mécanisme consiste à employer des types de syntagmes que nous avons en tête, en faisant jouer les groupes d’association pour amener la différence voulue [...] Toute valeur résulte de ce double groupement.

¹² Chaque unité ne vaut et ne réalise sa fonction que par la combinaison qui leur est donnée[...] Chaque élément ne jouit pas librement de son sens, mais seulement par combinaison.

(1997) que Saussure vê o valor como o sentido local produzido na interseção dos dois eixos do discurso, o sintagmático e o paradigmático.

A noção de valor nos leva a compreender a língua enquanto sistema completamente desprovido de substância, funcionando apenas como formas que se definem pela pura diferença. Entretanto, podemos observar que a noção da língua que funciona pela diferença é marcada em Saussure por uma certa positividade.

De acordo com Saussure, na língua existem apenas diferenças sem termos positivos. “Quer se considere o significado, quer o significante, a língua não comporta nem ideias nem sons preexistentes ao sistema linguístico, mas somente diferenças conceituais e diferenças fônicas resultantes deste sistema”. (SAUSSURE, 1975, p.139)

No entanto Saussure (1975, p.139) alerta que o signo tomado em sua totalidade é considerado um fato positivo, “dizer que na língua tudo é negativo só é verdade em relação ao significante e ao significado tomados separadamente: desde que consideramos o signo em sua totalidade, achamo-nos perante uma coisa positiva em sua ordem.” De Mauro (1995) observa que esta passagem é de grande importância teórica, pois ao dizer que o signo é uma entidade positiva, Saussure o coloca como uma entidade concreta.

Saussure (1975) acrescenta ainda que quando se comparam os signos entre si (termos positivos) não se pode mais falar de diferença, mas sim de oposição. Observa-se que ao distinguir diferença de oposição, Saussure considera que a relação existente entre significado e significante acontece por diferença e a relação entre um signo e outro acontece por oposição.

Silveira (2003, p.56), referindo-se a estas passagens do CLG, observa que:

é preciso notar que em determinado momento, a diferença é dada como propriedade dos elementos linguísticos, embora a diferença só se constitua em uma relação, já no outro momento, trata-se da diferença unicamente enquanto relação e na possibilidade de haver distinção. Ou seja, pode ser uma relação de diferença ou de oposição sem com isso alterar a propriedade do que está em um ou outro tipo de relação.

Milner (2002 apud SILVEIRA, 2003, p.58) chama a atenção para o fato de que a “relação do signo a si mesmo é da mesma natureza que a relação do signo com os outros signos. O interno é atravessado de novo pelo externo”. O signo considerado em sua totalidade é uma coisa positiva, fruto da combinação da relação de diferença entre o significante e o significado. Tomado no sistema da língua, o signo mantém com os outros signos uma relação de oposição. Diferença e oposição não são da mesma natureza, mas constituem o signo, “a primeira se sustenta no princípio da negatividade (ser o que os outros não são), a segunda requer alguma positividade para que haja oposição. (SILVEIRA, 2003, p.57)

No entanto embora constituam relações distintas, percebe-se que a relação de oposição entre os signos conserva a propriedade da negatividade. Tal concepção se torna clara quando Saussure (2004, p.68) analisando a questão da sinonímia dá o seguinte exemplo:

O sol parece representar uma ideia perfeitamente positiva, precisa e determinada, assim como a palavra lua: entretanto, quando Diógenes diz a Alexandre “Sai da frente do meu sol!”, não há mais, em sol, nada de sol a não ser a oposição com a ideia de sombra, e a própria ideia de sombra é apenas a negação combinada da ideia de luz, de noite fechada, de penumbra, etc. acrescentada à negação da coisa iluminada com relação ao espaço obscurecido. Retomando a palavra lua, pode-se dizer a lua aparece, a lua cresce, a lua decresce, a lua se renova, semearemos na lua nova (...).

Saussure (2004, p.68-69) observa que tudo o que “pomos em lua é absolutamente negativo, vindo apenas da ausência de um outro termo”. Não é a ideia positiva contida em lua ou sol, em água, ar ou árvore, mas o fato de que todas essas denominações são “igualmente negativas, significam apenas com relação às ideias inseridas em outros termos (igualmente negativos), não tem, em nenhum momento, a pretensão de se aplicar a um objeto definido em si”.

Portanto nenhum signo é “limitado no total de ideias positivas que ele é no mesmo momento, chamado a concentrar em si mesmo, ele só é limitado negativamente pela presença simultânea de outros signos, e é, portanto, inútil procurar qual é o total de significações de uma palavra” (SAUSSURE, 2004, p.72).

3 Valor linguístico e desvios de linguagem no autismo

Vimos, então, que Saussure apresenta o signo linguístico composto de duas partes: significante e significado. O valor de cada signo está relacionado com a existência solidária de outros signos e não com o valor do significante em relação ao significado. Em outros termos, não há uma correspondência unidirecional entre significante e significado. Os signos linguísticos não são fixos. Eles podem assumir diferentes significações de acordo com as relações que estabelecem no contexto. Isso significa que o valor de um signo linguístico resulta da presença concomitante de outros signos, em decorrência da existência de uma relação de semelhança e diferença entre eles. Ou seja, uma palavra pode ser trocada por outra palavra (relação de semelhança) ou por uma ideia (relação de dessemelhança), sem que perca sua significação.

Os desvios de linguagem presentes no autismo, sobretudo a ecolalia, os neologismos e as vocalizações (ou sons aleatórios), são comumente apresentados como sintomas do transtorno e fator de dificuldade no estabelecimento de relações sociais, sendo compreendidos como *nonsenses*. Chamamos de neologismos novas expressões ou palavras criadas individualmente a partir de rearranjos dos signos linguísticos, sem que compartilhem seu significado social. Trataremos deles a seguir. Iniciemos nossas discussões, destacando a ecolalia.

O termo ecolalia foi usado em referência a “ecos na fala”, sendo utilizado pela primeira vez e aceito na literatura médica em 1825, pelo médico francês Jean Marc Gaspard Itard, ao descrever e diagnosticar a maldição dos tiques na Marquesa de Dampierre, como sintoma de desordem cerebral ou emocional. Desde então, na literatura médica, a ecolalia é apresentada como repetições automáticas e sem modificações, efetuadas por certos alienados, de palavras ouvidas (PACIORNIK, 1975) e de sons (FORTES; PACHECO, 1968), sendo involuntárias. É comum perceber a ecolalia ocorrendo imediatamente de forma automática ao discurso ouvido anteriormente (ecolalia imediata), ocorrer tardiamente podendo demorar minutos, horas ou dias (ecolalia mediata) ou, ainda, de forma alterada, voluntária ou não (ecolalia mitigada). Seriam sinônimos os termos *ecofasia*, *ecofrasia*, *fala em eco* ou *mímica*. (NICOLOSI; HARRYMAN; KRESHECK, 1996)

Em sua maioria, médicos e linguistas referem-se à ecolalia como repetições de uma canção, parte ou da totalidade de um discurso produzido por outrem, sem uma aparente relação com o contexto. Na ecolalia, algumas palavras apreendidas anteriormente são empregadas no lugar de outras, ora sem qualquer referência evidente, mas, outras vezes, com algumas semelhanças na melodia da fala com a palavra que acaba de ser emitida. Essas alterações verbais colocam em evidência a incerteza semântica das produções, que parecem não se enquadrar na realidade linguística.

A posição relativa no discurso assumida pelos desvios, a exemplo da ecolalia, parece torná-los incompreensíveis aos outros falantes da língua, pois esses não conseguem identificar

um sentido evidente. Faz-se necessário que haja um movimento dos que escutam a fala do autista para encontrar uma relação que possa determinar uma significação para os signos linguísticos, posto que os transtornos representam um modo particular de uso do significante. Entretanto isso não determina que não atendam à noção de valor linguístico, tendo em vista que há presença e correlação entre os signos. No entanto a correlação de semelhança e dessemelhança discutida por Saussure, possivelmente, não segue uma convenção social.

A característica involuntária da ecolalia denota uma aparente inexistência de subjetividade na fala, uma vez que é cópia de um discurso. Parece haver tão somente um falante de uma língua, um executor, que repete falas aleatoriamente sem quaisquer vínculos ou preocupação com o meio ou com o tempo da reprodução. Entretanto, os recortes efetuados ou a execução de um trecho em detrimento a outro parecem apontar para a enunciação do sujeito, afinal, há a apropriação e mobilização individual da língua (BENVENISTE, 2006) efetuada a partir de um recorte de discurso.

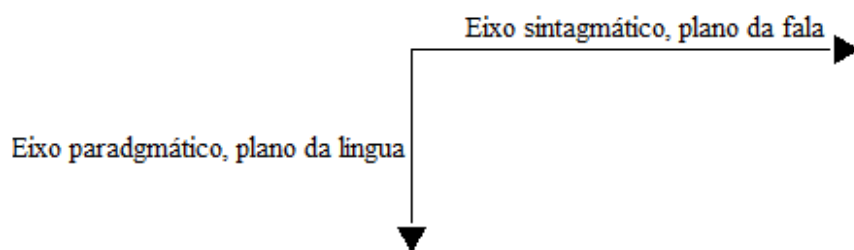
Em relação a sua estrutura formal, a ecolalia obedece aos princípios do signo linguístico saussureano: o princípio da linearidade do significante e o princípio da arbitrariedade do signo. Segundo o primeiro princípio, o significante obedece a uma cadeia sucessiva no seu plano de expressão, orientada no tempo. Isso significa que há um encadeamento de significantes que emergem cada qual no seu tempo único: dois significantes não ocupam o mesmo lugar no espaço e no tempo. O segundo princípio prevê a inexistência de vínculo intrínseco entre significante e significado e a impossibilidade do falante ser livre para mudar ou criar signos já estabelecidos pela comunidade linguística.

Saussure (1975) afirma que a língua é um produto social da faculdade da linguagem, composta pelos signos, e a fala corresponde ao modelo de expressão dos aspectos linguísticos. Desta maneira, pensando as produções linguísticas de autistas, vemos que nelas não há alteração na língua com a criação de termos linguísticos ou alteração na cadeia da fala com a inapropriada articulação fonêmica. A dificuldade em expandir a cadeia da fala existe em virtude de uma rigidez no eixo sintagmático: há uma única seleção de signos linguísticos que obedece a um recorte realizado no discurso de um locutor externo, representada pela ecolalia, ou vocalizações e neologismos que impedem o deslize da linguagem em seus eixos linguísticos, ou seja, sintagmático e paradigmático ou associativo. (REGO BARROS, 2015)

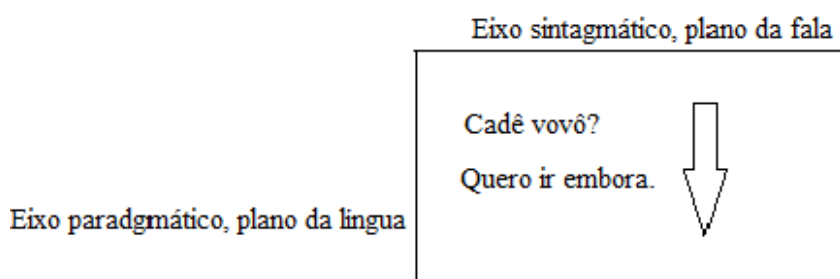
Comentamos anteriormente que a complexidade da noção de valor linguístico está na dependência de três tipos de relações: uma relação interna do signo e uma relação dos termos *in absentia* que são consequência da arbitrariedade e acontecem no eixo paradigmático e uma relação dos termos *in praesentia*, que é consequência do caráter linear da língua e acontece no eixo sintagmático. Os signos são pela propriedade diferencial que os constituem e pela relação de diferença que mantêm com os outros termos, ou seja, ser o que os outros não são. Saussure (2004) explica que se as palavras fossem encarregadas de representar previamente os conceitos, cada uma delas possuiria, de uma língua para a outra, correspondentes exatos, mas isto não acontece, aquilo que emana do sistema da língua não são ideias dadas de antemão, mas sim valores.

No autismo, não há uma ultrapassagem da relação interna do signo, a qual informa a inexistência de vínculo fixo entre significante e significado, nem do princípio da arbitrariedade, uma vez que o autista não cria ou usa signos linguísticos que inexistem no sistema linguístico de sua comunidade. Entretanto, há uma alteração no deslize entre os eixos paradigmático representado pela língua, e o sintagmático, representado no plano da fala, decorrente do resultado da rigidez neste último eixo. Consequentemente, a relação do valor encontraria uma certa fixidez na mudança de signo (ecolalia) ou uma total fluidez (neologismos ou vocalizações) que impediria as trocas sociais, posto que o valor de uma palavra é resultante da interseção entre os eixos paradigmático e sintagmático, ou seja, o valor

reside na combinação dos signos entre si, por conseguinte, o sentido também é dado por combinação.



Por exemplo: uma criança com autismo, doravante denominada “criança X”, aos sete anos de idade, frequentava semanalmente o setor de fonoaudiologia de uma ONG na cidade de Olinda, estado de Pernambuco. Constantemente a criança apresentava a ecolalia “cadê vovô?”, sendo reconhecida na instituição pelo codinome “vovô” e não por seu nome próprio. Após observação do ambiente pedagógico e das relações interpessoais no ambiente institucional, a fonoaudióloga solicitou que a comunidade chamasse a criança pelo seu nome de batismo. Após esse procedimento somado a posteriores análises dos dados coletados em gravações de áudio e vídeo das intervenções fonoaudiológicas, a profissional percebeu que a ecolalia “cadê vovô?”, possivelmente estaria no lugar da construção discursiva “quero ir embora”, uma vez que era o avô da criança quem a acompanhava no trajeto para a instituição.



Não havia uma saída do discurso da criança do eixo sintagmático a partir da adoção de outros signos linguísticos possíveis ao eixo paradigmático. Isto é, na ecolalia apresentada, não há um termo que trocado por outro preservasse seu valor de saída. Nesse ínterim, percebemos sentido e valor mutuamente implicados.

Saussure (2004) defende a ideia de que as unidades linguísticas não possuem características próprias, sendo apenas definidas pelo lugar e pelas relações recíprocas que mantêm com outros termos no interior do sistema. O valor de uma unidade *A* não está relacionado à sua substância, mas ao fato de ela ser *não-B*. Daí a concepção saussuriana de que a língua é uma forma e não uma substância, uma forma que vale pela diferença. Saussure (2004, p.36) define, então, que:

forma = não uma certa entidade positiva de uma ordem qualquer e de uma ordem simples, mas uma entidade ao mesmo tempo negativa e complexa que resulta (sem espécie de base material) da diferença com outras formas, combinadas à diferença de significação de outras formas.

O princípio da diferença, segundo o autor (1975), é tão essencial que pode ser aplicado a todos os outros elementos materiais da língua, inclusive aos fonemas. Saussure explica que cada idioma compõe suas palavras baseado em um sistema de elementos sonoros. Cada um destes elementos forma unidades que são delimitadas. No entanto, aquilo que caracteriza os fonemas não é a sua qualidade própria e positiva, mas sim o fato de não se confundirem entre

si, assim, “os fonemas são, antes de tudo, entidades opositivas, relativas e negativas”. (SAUSSURE, 1975, p.138)

O valor exprime melhor do que qualquer outra palavra, a essência da língua, o fato de que uma forma não significa, mas vale, e se ela vale, está implicada a existência de outros valores. Sendo assim, aquilo que faz a identidade de uma rua demolida e reconstruída novamente não é o seu aspecto material, mas sim o seu valor. Trazendo para o nosso tema: o que faz a identidade de um discurso ecolálico, dos neologismos e das verbalizações não é seu aspecto material de repetição, arranjos linguísticos originais ou massas sonoras, mas seu valor linguístico: poder ser o que o outro não é.

Trazemos outro exemplo baseado em neologismos. Em sessão fonoaudiológica no consultório particular, uma “criança Y” com sinais de autismo aos dois anos de idade apresenta aleatoriamente o sintagma “mimi”, aparentemente sem contextualização, em meio às atividades desenvolvidas. Ao final da sessão, questionada pela fonoaudióloga, a mãe comenta que, em casa, a criança apresentou algumas vezes essa mesma construção e que a concebeu como sendo dirigida a ela mesma, uma vez que seu codinome é “bibi” e “mimi” seria a junção de mamãe e bibi. Os signos linguísticos no neologismo “mimi” possuem outros valores, a partir da relação estabelecida com os outros termos no discurso.

Como vimos anteriormente, o signo considerado em sua totalidade é uma coisa positiva, mas pensando no sistema da língua, o signo mantém relação de oposição e diferença que não são da mesma natureza, mas constituem o signo.

Em uma situação de jogos com peças de encaixe, dentro de uma das sessões fonoaudiológicas a que é submetida na ONG, a “criança X”, sentada em frente a uma mesinha e ao lado da fonoaudióloga, deixa que uma das peças do jogo caia no chão e pronuncia: i- tia. A fonoaudióloga em seguida afirma que viu a cena mas solicita que a criança pegue a peça que caiu. Em seguida, há presença da verbalização: aêêêÊÊÊÊÊ ÔÔÔÔ, em conjunto com o gesto de apontar, sendo-lhe atribuída valor de sentença: aê ô = ali ó. Esse recorte exemplifica a relação de diferença e oposição do signo linguístico: a verbalização “aêêêÊÊÊÊÊ ÔÔÔÔ” é sustentada por não ser o que os outros signos representam e, ao mesmo tempo, representar algo que é oposto aos outros signos. Ou seja: a verbalização não é a sentença “ali olha” composta de signos linguísticos específicos usuais, ela é negativa por ser não-um. Porém, representa uma união de signos que se opõe a outros e, por isso, é positiva sendo um.

Há então na língua uma tensão que se estabelece entre o um e o não-um. A negatividade faz como que haja sempre na língua uma ausência, portanto uma possibilidade de acontecimento. Isso é o que acontece com a ecolalia, os neologismos e verbalizações: uma possibilidade de acontecimento ou um acontecimento que depende do atestado do interlocutor.

Saussure afirma que na língua todos os termos são solidários, então o signo, resultante da união entre significado e significante, será de igual modo a contraparte de outros signos da língua, o valor então resulta da relação entre signos, emana da presença simultânea de outros signos. O valor então não será fixado por significação alguma. Logo, não podemos excluir os desvios encontrados na linguagem do autista de uma possibilidade de significação, uma vez que o valor de um termo está determinado por aquilo que o rodeia.

4 Conclusão

Vimos em Saussure conforme Constantin (KOMATSU; HARRIS, 1993) que o valor é determinado por um princípio paradoxal: 1) por uma coisa dessemelhante que podemos trocar; 2) por uma coisa semelhante que podemos comparar. Retomando um de nossos exemplos: o valor da ecolalia “cadê vovô?” está numa coisa dessemelhante que pode ser

trocada, a exemplo de “quero ir embora”; e uma coisa semelhante que pode ser comparada, como por exemplo com outras ecolalias. Conforme afirma Saussure não é possível determinar a significação de uma palavra se considerarmos somente a coisa cambiável, mas temos que comparar uma série semelhante de palavras comparáveis.

A noção de valor nos mostra que há um certo grau de imprevisibilidade permitida pela própria articulação entre os termos. Se a existência do signo está em seu caráter diferencial, em ser o que os outros não são, então o seu valor nunca está totalmente determinado, nunca será absoluto, por mais fixo que esteja em virtude da coletividade. O princípio da reciprocidade entre os termos permite à língua uma capacidade de articulação em que o signo em dependendo da relação com outro signo poderá vir a ser outro daquilo que é, diferente de si mesmo, como acontece com a ecolalia, os neologismos e verbalizações autísticas.

Nesta perspectiva, não mencionamos os desvios de linguagem presentes no autismo com um caráter de *nonsense*, apesar de atribuirmos uma fixidez no valor linguístico por uma dificuldade no deslizamento dos eixos sintagmático e paradigmático. A posição ocupada pelos signos linguísticos nos desvios de linguagem parece torná-los incompreensíveis aos outros falantes da língua, pois esses não conseguem identificar uma relação de semelhança ou dessemelhança entre os signos linguísticos.

REFERÊNCIAS

BENVENISTE, E. **Problemas de linguística geral II**. 2ª ed. Trad. Eduardo Guimarães et al. Campinas, SP: Pontes, 2006. 294 p.

CORVEZ, M. **Les structuralistes: les linguistes, Michel Foucault, Claude Lévi-Strauss, Jacques Lacan, Louis Althusser, les critiques littéraires**. Paris: Aubier-Montaigne, 1969. 199 p.

DE MAURO, T. **Ferdinand Saussure. Cours de Linguistique Générale**. 4. ed. Paris: Payot, 1995. 520 p.

DOSSE, F. **História do estruturalismo: o campo do signo, 1945-1966**. Trad. Álvaro Cabral. v.1. São Paulo: Ensaio; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1993. 447 p.

FORTES, H.; PACHECO, G. **Dicionário médico**. Rio de Janeiro: Fabio M. de Mello, 1968. 1139 p.

GODEL, R. **Les sources manuscrites du cours de linguistique générale de F. de Saussure**. 2. ed. Genebra: Librairie Droz S.A, 1969. 282 p.

KANNER, L. **Psiquiatria infantil**. Buenos Aires: Paidós e Psique, 1966. 747p

KOMATSU, E.; HARRIS, R. (Eds.). **Saussure's third course of lectures on general linguistics (1910-1911): from the notebooks of Emile Constantín**. Oxford: Pergamon Press, 1993. 196 p.

LOPES, E. **A identidade e a diferença**. São Paulo: Edusp, 1997. 381 p.

NICOLOSI, L.; HARRYMAN, E.; KRESHECK, J. **Vocabulário dos distúrbios da comunicação: fala, linguagem e audição**. 3 ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. 467 p.

NORMAND, C. **Convite à Linguística**. São Paulo: Contexto, 2009. 207 p.

PACIORNIK, R. **Dicionário médico**. 2 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1975. 1151 p.

PAVEAU, M. A. **As grandes teorias da linguística: da gramática comparada à pragmática**. Tradução M.R. Gregolin et al. São Carlos: Chraluz, 2006. 272 p.

RÊGO BARROS, I. B. **O sistema saussureano: discussões em torno dos eixos linguísticos no autismo**. In: Linguagem: entre o sistema o texto e o discurso. ACIOLI, M. D. (org.). Curitiba, PR: CRV, 2015. p. 11-20

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 7. ed. São Paulo: Cultrix, 1975. 279 p.

_____. **Escritos de Linguística Geral**. Org. Bouquet Simon; Engler Rudolf. São Paulo: Cultrix, 2004. 296 p.

SILVEIRA, E. M. **As marcas do movimento de Saussure na fundação da linguística**. 154f. 2003. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, São Paulo, 2003.

Submetido em 20/07/2016

Aceito em 10/10/2016